

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

Anno I.

Desterro, 15 de Julho de 1867.

N. 4.

A ESPERANÇA.

REFLEXÃO.

I.

Creatura sublime é o homem dotado de razão, e tem um fim á preencher quasi divino.

—Formado para dominar, isto é para elevar sua cabeça ácima das cousas da terra, cumpre elle a sua missão, quando comprehende que o pensamento se deve enriquecer das joias da instrucção, e derramar-se pelo universo para que em toda parte as sombras da ignorancia sejam destruidas.

E' a primeira das obras do Eterno, e sem duvida muito admiravel o pensamento do homem.

—Reflexo da Omnipotencia divina, sua natureza mais se engrandéce á proporção que se encaminha para sua perfectibilidade.

—Sopro excellente, encerra em si quanto ha de mais seductor e de mais bello, porque é sua origem esse poder infinito, que a noute demonstrá na luz das estrellas, e a manhã no brilho do nascente.

Nenhuma outra criação tem um fim tão eleváo.

E' o pensamento que se remonta até a Divindade, e unico ser que a conhece, ou a vê e a presente.

II.

Deos é o principio e tambem o complemento dos nossos destinos.

Nós, sua vontade manifesta, porém responsaveis das acções do pensamento não obstante sermos contingencia, e haver como guia dos passos da nossa existencia um fulgor mais ou menos sensivel n'aquillo que pensamos; submissos, porém livres na marcha do bem, do justo e do santo; o barro, porém tambem o sopro.

Que importante a nossa missão. . .

—Enriquecido de luz o pensamento, com a claridade dos nossos deveres diante do espirito, tendo no coração o amor e na idéa essa força que destróe as sombras da ignorancia, quem é que domina, quem que se assemelha á Divindade?

No entretanto de toda a parte o manto da mentira e do erro se tem estendido sobre a terra, e vemos não dominar o homem, não a razão, não o direito, não a justiça e verdade; mas uma nuvem carregada e espessa que chamamos falsidade; um castello de trevas que o pensamento por mais que o queira dissipar não o consegue.

Nós cuidamos pouco na instrucção do espirito, eis a razão; e como mais de formá que de substancia, muitas vezes cremos verdade aquillo que não o é, embora vestido com todo o esmero, e assemelhado.

Estudemos e a luz cahirá do throno da sciencia, e envolverá o nosso pensamento.

O espirito na ignorancia é escravo, e a nossa missão explicada mesmo por Deus é — de senhor.

Somos sua semelhança; por meio da instrucção é Elle nosso fim.

III.

Como a fonte tem o seo murmurio, o mar suas ondas, as aves seos cantos e as flores seos perfumes — tem distinctamente o homem o seo pensamento.

Como a fonte em seo murmurio envia um louvor até Deus, o mar em suas ondas, as aves em seos cantos, e as flôres em seos perfumes — manda tambem o homem um hymno distincto ao seo Creador.

A harmonia da natureza contrasta admiravelmente com a nossa grandeza.

Temos a falla, emquanto que em muitas obras do universo só vemos mudez, inercia e socego.

Temos o pensamento, emquanto só conhecemos nas aves como em outros seres um instincto ou virtude essencial que admiramos,

mas inferior, menos importante e infinitamente abaixo do que possuímos.

Sim, a nossa missão é a do progresso, e por isso uma outra virtude veste o nosso espirito, rei da natureza.

Deus nós assignalou distinctamente. Eia, A' perfectibilidade.

A idéa se me prendeo agora na unidade. Vejamos.

Que sabedoria presidio á creação de todos os seres! . . .

O homem, que é a razão, a intelligencia e imagem do céo e do infinito, para cujo desenvolvimento a natureza faz apparecer as suas maravilhas, a fonte que é um murmurio e descança preguiçosamente em seu leito de areia, o mar que é apenas um descante, e traz sua vida no rolar das ondas, em fim os demais seres — todos dirigem a Deus suas homenagens, e, ao menos nessa obrigação geral vão se egualar ao pensamento, unica luz sobre a terra.

Que inexplicavel! . . . como é tão sabio o Deus creador.

Athéo! oh não, é impossivel. Esta palavra vã e sem sentido não tem significação; não encontrou nem encontrará nunca uma realidade.

Deus foi, é, e será sempre conhecido.

A mentira pôde afastal-o dos homens, porém a reflexão sempre o ha de demonstrar.

Silcio.

As Férias.

Forsan et haec, olim meminisse juvat.
Virg. Aen.

(Conclusão.)

Passando as portas do collegio todos os estudantes estão no mesmo nivel; o intelligente ou o obtuso, o rico ou o pobre, o nóbre ou o plebeo, todos são iguaes, todos são estudantes.

Porém logo que se separão as desigualdades reaparecem: *Despectus tibi sum* . . . pensa, porém não ousa diser-lhe um dos seus collegas, um dos seus frequentes e antigos *colladores*, que o encontra na rua elegante e desdenhoso, e tão fatuo caminha, que apenas responde aos seus cordiaes cumprimentos. E' que o collegio já está longe, e que o mesmo tecto já não os reúne, já não os abriga. Paciencia! a hora da reabilitação chegará.

VI

Que de horas passa o estudante a folhear ou antes a digerir um livro, para chegar a uma verdadeira conclusão, para ver cercados todos os seus esforços, para em fim cingir uma coroa de louros como simbolo da força e da intelligencia.

Os estudos, nós o confessamos, são os gloriosos trophes da mocidade, preciosa lembrança do tempo que já lá vai; são bellas flores que servem de introito a jardins deliciosissimos.

Muitas intelligencias dormem abafadas, sob o regimem rispido, porém necessario, das casas de educação.

O horizonte circunscripto paralisa-lhes o vôo. Naturezas delicadas, espíritos fora de linha, que crescendo morosamente quando desabrochão causão admiração e assombro. Tães forão muitos, pessimos estudantes; incapases de faser um thema sem *barbarismos*, uma versão sem *contradições* e annos depois forão grandes poetas, e eloquentes oradores. Quem como um celebre litterato bem conhecido, que sendo iniciado na lingua harmoniosa de Cicero, escreveu uma dissertação cuja elegante latinidade, faz lembrar os bellos dia do seculo de Augusto, e que talvez agora exista por detraz d'alguma escrevaninha de escriptorio, e sua penna outr'ora tão brilhante, escreva enferrujada, a prosa monotona de uma correspondencia commercial.

Não misturemos, porém, cyprestes com rosas.

Não. Respeitemos os mysterios do futuro e nãoousemós profanal-os.

Vitae summa brevis spem nos vetat inchoar
Longam

nos diz o divino cantor de Lesbo. Cedamos á sua doce voz.

VII.

Tornemos as férias.

O que durante as férias se passa é materia sabida: passeios, á pé, a cavallo, reuniões, jantares para fora da cidade, bailes, theatros, etc. etc. Em fim são estes os mezes de emoções para o estudante, é este o septimo céo de Mahomet! Completaram-se todos os seus desejos! Porém o peor é que Desembro já se foi, Janeiro toca a seu fim, e Fevereiro chega carrancudo e feio. Forçoso é continuar os estudos; forçoso é ouvir o classico — *Quamquam* (*) — A grande viagem da vida come-

(*) Começo da allocução de todos os lentes de humanidades, no primeiro dia da aula.

ca! A hora dos labores do avido estudo não tarda a tocar! Semelhante a Sisypho está elle diante do rochedo; elle vae abalal-o e rolal-o do cume da montanha. Mas que de suores e esforços não serão precisos? Paciencia! depois de luctar, de soffrer, ser-lhe livre, será livre como o filho indomito dos nossos bosques, será livre como a avesinha que paira no ar. Pelo andar dos tempos, os annos como fructos sasonados, cahirão um a um, da arvore da mocidade. Como aos raios do sol, a-travez da planicie, fogem os alvos vapores da manhã, assim suas doces illusões, desaparecem ao sopro gelado da realidade! E si por acaso parar defronte d'aquella casa que elle tantas vezes amaldiçoou, uma lagryma lhe banhará as faces, nina saudosa lembrança lhe adocará as magoas do coração.

G. R. J.



Morte de Thomaz Morus.

Os sinos da maior igreja de Londres, com seus lugubres e harmoniosos accentos annunciavão que a morte de algum illustre martyr ia ter lugar. O povo, sempre avido de espectáculos novos affluia de todas as partes ao lugar do supplicio; mas impaciente de ali esperar a victima, corria a encontral-a. — Ella porem não tardou em apparecer.

Sobre seus gonzos gema a pesada porta de uma prisão, e della se vê sahir um homem, carregado de ferros, cercado por innumerados e desapiedados guardas que de continuo o injuriavão; mas elle com o sorriso sempre nos labios para todos olhava com ternura, e a todos parecia convidar á partilhar da extrema alegria que seu coração sentia; contente caminhava elle com passo firme e magestoso ao lugar em que devia receber a palma e a coroa do martyrio.

— Este era Thomas Morus.

Mas seu coração estava reservado à experimentar ainda uma dessas dolorosas e subitas emoções, as quaes muitas vezes um pae não tem forças bastantes para supportar.

Voses purgentes se ouvem no meio da confusa multidão, que vão direitas ao coração do illustre martyr; sente-se um movimento geral acompanhado de um sussurro; todos tomados de admiração e espanto, voltão suas vistas para a parte de onde sahiram estas sentidas voses, e emfim reconhe-

cem serem os filhos do martyr, que suffocados em pranto, rompem por entre a multidão e vem lançar-se aos pés de seu querido pae, beijão suas cadeias e as banhão com suas abundantes lagrymas.

A vista de um quadro tão tocante, confrangia-se o coração, e a dor mostrava-se vivamente pintada no semblante dos que o presenciavão; os mesmos guardas parecião condoidos do pranto innocente destas crianças, e o martyr querendo occultar algumas lagrymas que vinhão humidecer-lhe as faces assim fallava a seus caros filhos; mas com esforço e coragem.

— « Conformai-vos, meus filhos, com a vontade do Altissimo, e agradecei-lhe tambem o grande beneficio que elle hoje se dignou conceder-me, qual de eu morrer em defesa de nossa santa fé.

« Breve vou deixar-vos, assim como os frivolos bens d'este mundo, para ir gósar delicias eternas na patria dos amores celestes; mas vós encontrareis em Deos um pai cheio de bondade que compadecido de vossa innocencia e tenra idade, vos ha de soccorrer em todós vossos infortunios. »

Levantando depois os olhos ao Céu, abençoou á seus filhos, e disendo-lhe o ultimo adeos, segue á consumir a grande obra de seu martyrio: e ahi rodeado de immenso povo, tranquillo e resignado, ajoelha-se, e depois de ter recommendado á Deos sua alma e seus filhos, expirou Thomas Morus pacificamente sob os repetidos golpes do aliado alfange; o sua alma vouu ao Céu á receber os louros de suas victorias e o premio de seus soffrimentos.

Sergio Nolasco de Oliveira Paes.



Felicidade da ignorancia.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE.

Feliz aquelle que em vez de percorrer o globo, vive longe dos homens! Feliz aquelle que não conhece mais do que seu proprio horizonte, e para quem a aldeia visinha é uma terra extranha. Elle não entregou ainda seu coração á objectos amados que não tornará mais a ver, nem sua reputação a discripção dos improbos. Acredita que a innocencia habita nos burgos, a honra nos palacios, e a virtude nos templos. Sua gloria e sua religião estão em tornar feliz o que o cerca. Se não vê nos seus jardins os fructos da Asia, nem as sombras da America, cultiva as plantas, q' são o encanto de sua mulher e de seus filhos. Para aperfeçoar sua paisagem não carece dos monumentos de archictetura. Uma arvore, a som-

bra da qual descança um homem virtuoso, elle traz sublimes recordações: o choupo nas matas lhe faz lembrar os combates de Hercules, e a fôlha das asinheiras, as cordas do Capitolio.

F. Paulino.

O homem de letras.

LACRETELLE AÏNÉ.

O litterato é o discipulo da natureza; tudo o que ella offerece de bom, de bello, de amavel, de grande se reflecte, se combina, se fertiliza em sua alma; parece não viver senão para receber e communicar estas bellas emoções, de que a natureza é o principio, o meio e o objecto.

Elle tambem é o discipulo da arte: tudo que sabe é para si um perenne manancial de exames, de observações, de principios, de emoções reflectidas; decompoe tudo o que se faz ao redor e diante de si. Dir-se-hia que sua alma é dupla; elle sente e confronta ao mesmo tempo; não medita senão para melhor sentir ainda; o enthusiasmo que excita seus pensamentos, é tambem a luz que os esclarece. Elle estuda sobretudo á si proprio, como seu principal instrumento; sabe commover-se, acalmar-se, dirigir, desviar as idéas, retê-las, despedil-as, em si tirar do homem tudo o que póde servir ao escriptor, e ser assim uteis suas virtudes, e seus defeitos, suas alegrias e suas dôres.

Desterro, 11 de Maio de 1867.

E. Paulino.

A vida da Solteira.

Criança de 10 annos. — Chico, Chico, já sei tocar tres valsas no piano.

Menina de 15 annos. — Quero uma saia a balão, um coque bem grande que torne a figura de uma balaia, preciso de vestidos de seda, de rendas, de flôres.

Estou na idade de casar; quero ser dona de casa; namorar constante ou a morte!

Mulher de 30 annos. — André, João, Lido, todos são falsos! perjuros! esquecerão-se dos seus protestos? Mentirão todos, raça de ingratos!

De quaranta annos. — Sr. José, porque se não casa o senhor? Ha tantas mulheres, como eu, que de bom grado farião a sua felicidade!

De 50 annos. — Por mais que digão, eu estou ainda bem conservada. sem olhar para o espelho.

De 60 annos. — Na Igreja. Padre nosso. . . olá, Marianna, como estás?... que estás nos céos, santificado... dize-me, já se casou a Marias?... seja o teu nome, faça-se... viste como morreo a vizinha?... a tua vontade, assim na terra como no Céu... o pão nosso... menina, até na igreja nos perseguem os rufiões.

De 70 annos. — Psio! Meo loiro. Dá cá o pé papagaio. Quem passa?

A . . .

Quem disse-te, ó bella, que a lyra do vale pulsava por ti, nas horas tristonhas da noite sombria, se a lua mais meiga fulgura no espaço por entre neblinas, cercada de estrellas?

Quem disse-te, ó bella?

A brisa da noite, da noite os zephiros, ou forão as rosas que vivem nas veigas? ou forão os rios que correm nos prados? ou forão das selvas as aves mimosas? ou foi o teu peito, tu'alma, meu bem?

Quem disse-te, ó bella?

Fui eu nos meus carnes, nas tristes endeixas, nos cantos saudosos, que exhala a minh'alma nas horas tristonhas da noite sombria.

Fui eu nos cantares que fogem do peito, que vive gemendo saudades infindas, por ti, que és meu anjo...

Per ti... cujo rosto se vela entre beijos de archanjos celestes, se á tarde adormeces, pertinho ao regato que corre nos valles, por entre boninas...

Por ti... a quem dera porções de minh'alma, minh'alma, meu peito, se teus olhos bellos, se um riso dos labios que rosas pareçam, viesse dizer-me que tu me votavas tambem o teu peito?

Fui eu... mais tristonha se pende esta fronte, pois vejo que escutas meus votos ardentes, e nunca me dises teus votos quaes são?

D'amor e ventura são elles, meu bem?

Ou tristes, sombrios?

Ou cheios de magoas?

Ou cheios de encantos, de muita alegria, de muita esperanza, quaes são os meus votos...

Responde sorrindo, sorrindo de amores:

— Sim!

E.